
PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DA VIDA EM PRISÃO NAS CARTAS DOS RECUPERANDOS DA APAC*

THE SUBJECTIVATION OF LIFE IN PRISON: LETTERS FROM APAC INMATES

Helio Cardoso de Miranda Junior¹  <https://orcid.org/0000-0001-7761-5802>
Clara Helena Lage Campos de Araújo²  <https://orcid.org/0009-0004-5208-5760>
Maria Quintella Siqueira³  <https://orcid.org/0009-0009-6860-471X>

Submissão:
01/06/2025
Aceite:
27/10/2025

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de pesquisa sobre os processos de subjetivação de pessoas encarceradas na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac), instituição que compõe o sistema alternativo de cumprimento de pena privativa de liberdade. Utilizou-se como material de análise cartas e bilhetes enviados pelos recuperandos de uma das unidades daquela instituição à equipe de psicologia do Programa de Extensão “(A)penas Humanos” da PUC Minas. Ao material, aplicou-se a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin. Constatou-se que três temas formam núcleos discursivos nas cartas dos recuperandos: as perdas vividas; o desamparo / a impotência; a incerteza sobre o futuro. Utilizou-se também a teoria psicanalítica para entender esses temas. Esses resultados demonstram que, apesar das diferenças significativas entre a Apac e no sistema penal comum, ainda há muito a ser feito para possibilitar aos sujeitos encarcerados cumprir a pena com dignidade e expectativa de reintegração social.

Palavras-chave: Sistema Prisional, Apac, Subjetivação, Análise de conteúdo, Psicanálise.

* Este artigo é derivado da pesquisa “E agora, José?”. As cartas dos recuperandos da APAC e o processo de subjetivação da vida em prisão, realizada com recursos do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da PUC Minas.

¹ Professor do PPG em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica - PUC Minas mirandahelio2020@gmail.com

² Aluna da graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica - PUC Minas clarahelenac@gmail.com

³ Participante como extensionista do Projeto Escuta Psicológica no Sistema Prisional mariaquintellasiqueira@gmail.com

Abstract

This article presents the results of a research about the processes of subjectification of incarcerated individuals in the Association for the Protection and Assistance of Convicted Felons (Apac, Portuguese acronym), which is part of the alternative system for serving custodial sentences. The material analyzed included letters and notes sent by inmates from one of the units of the aforementioned institution in 2020. The sample derived from provocative audiovisual material sent to recovering people as a way of maintaining the outreach project from the Psychology team developed by the university during the pandemic. The written sample was analyzed according to the content analysis methodology proposed by Laurence Bardin. The study identified three main themes that formed the discursive cores in the inmates' letters: losses; vulnerability and powerlessness and uncertainty about the future. These findings demonstrate that, despite the differences between serving a sentence in Apac and in the conventional prison system, the path to dignified incarceration still requires improvement so that inmates have positive perspectives of social reintegration.

Keywords: Prison System, Apac, Subjectivation, content analysis, psychoanalysis.

Introdução

A Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (Apac) é uma entidade civil de Direito Privado, sem fins lucrativos, que auxilia os Poderes Judiciário e Executivo na execução penal e na administração do cumprimento das penas privativas de liberdade (Fraternidade Brasileira de Assistência aos Condenados - FBAC, 2019). Criado em 1972 por Mário Ottoboni, o método Apac visa a promover a humanização das prisões, sem perder de vista a finalidade punitiva da pena. O propósito principal é evitar a reincidência no crime, criando alternativas para o condenado se “recuperar”. Por essa razão, os indivíduos que cumprem penas privativas de liberdade nas unidades da Apac são chamados de “recuperandos”. Todos eles estiveram antes, por algum tempo, no sistema prisional comum e foram transferidos para uma unidade da Apac. Contudo, não há obrigatoriedade de o indivíduo permanecer na Apac, pois o retorno para o sistema prisional comum é uma possibilidade e pode acontecer por desejo do próprio indivíduo ou por inadequação do apenado às regras e normas próprias da Apac.

Segundo Ottoboni (2001, p. 29), trata-se de “um método de valorização humana [...] para oferecer ao condenado condições de recuperar-se, logrando, dessa forma, o propósito de proteger a sociedade e promover a justiça”. Deve-se destacar que, na época de sua criação, a instituição tinha forte apoio da Pastoral Carcerária, ligada à Igreja Católica, o que inseriu o discurso religioso de forma importante em suas bases.

A experiência de trabalho que deu origem ao material da presente pesquisa tem relação com o fato de a equipe de Psicologia compor, na época, o Programa de Extensão A(peças) Humanos, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, que, por meio de várias frentes, tinha como objeti-

vo “contribuir para a efetivação e aperfeiçoamento da política pública do método Apac, integrando-se à rede intersetorial de atendimento ao sentenciado em cumprimento da pena privativa de liberdade” (Proex, 2021). Atualmente, após reformulação da Pró-Reitoria de Extensão, o projeto da equipe de Psicologia passou a se chamar Escuta Psicológica no Sistema Prisional, integrando o Programa Apac PUC Minas. Segundo a Proex, o objetivo do programa em sua nova denominação é semelhante ao anterior, porém em uma versão ampliada em relação aos direitos humanos, pois visa a contribuir para a “efetivação dos direitos da pessoa privada de liberdade, intervindo sobre os processos de humanização e de preparação para o retorno dos recuperandos ao convívio social” (Proex, 2024).

Com um olhar que preza pela ética e o tratamento humanizado, o desenvolvimento de atividades coletivas e individuais pelos profissionais e estudantes de Psicologia tem como objetivo propiciar um espaço de acolhimento e escuta singular dos sujeitos. Afinal, uma das funções do trabalho da(o) psicóloga(o) no sistema carcerário, além de criar espaço para a fala e a expressão singular de cada um que vive e convive nesse sistema, é contribuir para o rompimento de estigmas sociais e culturais opressivos que mantêm a lógica da reincidência (Rauter, 2016).

A atuação da equipe de Psicologia se dá por meio da realização de três tipos de intervenção: atendimentos psicológicos individuais com os recuperandos que se inscrevem para esta atividade; plantão psicológico, que é uma intervenção individual pontual quando algum recuperando demanda escuta sem estar inserido nos atendimentos agendados; e a roda de conversa, que também acontece regularmente e é aberta a todos aqueles que se interessam em participar, sendo encontros nos quais os recuperandos se posicionam em relação ao tema de cada encontro.

Este texto é fruto de uma pesquisa sobre o material derivado de uma atividade específica desenvolvida durante a pandemia de Covid-19. Assim, a seguir iremos contextualizar a produção do material fonte desta pesquisa.

Em março de 2020, após a oficialização do comunicado da Organização Mundial da Saúde sobre a pandemia, as atividades presenciais foram interrompidas, tanto na universidade quanto na própria Apac (Santa Luzia - MG). Não foi possível realizar as atividades previstas no projeto de extensão em função da incerteza quanto às questões sanitárias e às necessárias adaptações nas atividades do ambiente acadêmico e da extensão. Frente a esses desafios, optou-se por manter uma perspectiva que pudesse, mesmo à distância, preservar a palavra que circula e conecta os extensionistas e os recuperandos. Assim, decidiu-se pela aproximação entre a psicologia e a arte no intuito de produzir um material audiovisual para ser enviado à instituição e exibido a eles.

A perspectiva da equipe de Psicologia foi a de não restringir o conteúdo do material audiovisual produzido apenas à informação ou à transmissão de conhecimento específico. O intuito foi evitar um caminho unilateral de comunicação para, ao invés disso, compor um material que criasse a possibilidade de resposta dos recuperandos. Para tanto, procurou-se aproximar a linguagem da psicologia e da psicanálise à linguagem artística, de forma que o material pudesse fazer com que os recuperandos, tocados como sujeitos (nas várias acepções desse termo), respondessem a partir do jogo significante que a arte cria na articulação dos sons, das imagens (como pinturas, charges, desenhos) e das palavras. Isso visava a criar espaço entre as representações estabelecidas ou instituídas e possibilitar momentos de subjetivação, de expressão singular do sujeito no jogo com o imponderável que compõe a existência humana.

Assim, a escolha do material utilizado nos vídeos feitos teve como orientação a perspectiva de provocar subjetivamente cada um dos recuperandos. Por isso, o conteúdo dos vídeos foi construído

com materiais ligados à arte, como poemas, filmes de curta-metragem, músicas, entre outros, e o objetivo foi o de propiciar aos recuperandos um momento de reflexão e resposta, momento de falar de si pela escrita e depois dirigi-la a um leitor. Durante a estadia na Apac, os recuperandos estão sujeitos a uma rígida disciplina e rotina, podendo ser considerados raros os momentos em que podem expressar de forma singular sua experiência, como acontece nos atendimentos individuais e nas rodas de conversa. Consideramos que o processo construtivo que as atividades artísticas podem proporcionar é diferente de outras formações e informações, pois, como afirma Rodrigues (2020, p. 5), “a arte é a formação do interior do homem, é a emoção que ouve a voz do coração, é a humanização”. Para este autor, a arte é fundamental para o crescimento e desenvolvimento do ser humano, tanto quanto a alimentação, a escola e a religião.

O primeiro vídeo produzido pela equipe da Psicologia, com três minutos de duração, foi uma apresentação dos professores e de todos os extensionistas. Nele foi pedido aos recuperandos que nos enviassem, por meio de cartas, bilhetes, frases ou palavras, os temas ou assuntos que gostariam que fossem abordados por nós.

Como resposta, recebemos, em setembro de 2020, bilhetes, frases e algumas cartas. Diversos assuntos vieram à tona por meio desse material, como abandono, rotina prisional, espiritualidade, sono, ansiedade, depressão, família, isolamento, entre outros. Porém, duas temáticas chamaram a atenção da equipe: o abandono e o isolamento. Por causa da pandemia da Covid-19, as visitas nas unidades da Apac foram interrompidas e isso parecia afetar muito os recuperandos, que ficaram impossibilitados de ver seus familiares e amigos.

Diante disso, materiais audiovisuais que remetiam a essas temáticas foram selecionados pelos extensionistas. Com foco em materiais que fossem abertos a interpretações, após muitas discussões nas reuniões da equipe, ficou decidido que um vídeo do poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade, interpretado por Sílvio Matos (2016), seria enviado aos recuperandos. No vídeo, o ator parece interpretar um morador de rua que declama o poema para a famosa estátua do poeta que se encontra na praia de Copacabana. Esse material foi escolhido porque se entendeu que ele possibilitaria elaborações e interpretações pessoais, inclusive por ser um poema composto por muitas perguntas e nenhuma resposta.

O vídeo produzido pelos extensionistas durava cinco minutos. Após uma pequena introdução, foi inserido o vídeo do poema citado acima. A montagem do vídeo foi realizada por uma das alunas extensionistas com aplicativos não profissionais. O vídeo finalizava com os seguintes dizeres: “E agora, você? Se desejarem, escrevam e nos enviem suas reflexões sobre o poema. Vamos receber e ler com toda atenção. Toda e qualquer forma de expressão é válida à escuta psicológica. Pode ser até mesmo um desenho ou uma única palavra. Nós iremos dar continuidade a esse processo de comunicação através do envio de novos vídeos e produções. Obrigada e até mais!”.

Com a contribuição da psicanálise, podemos dizer, com Morais (2006), que o ato de escrever é uma das possibilidades de jogar com o sentido das palavras, com as memórias que nos constituem e que temos a impressão de não sabermos. Para ele, o autor surge no espaço de estranheza, no *intervalo* vazio que acende o desejo entre dois significantes. Nesse sentido, o poema não reproduz o dizível, ele cria o dizível no *intervalo* entre a pulsão e a representação, entre o corpo e o simbólico, *intervalo* que Freud chama de desamparo. É nesse *intervalo* que o ser humano cria e fala de si mais do que sabe. O texto escrito pode remeter o sujeito para a autoria de seu percurso na articulação entre a demanda, o desejo e as questões que o enredam na vida. Como disse Freud (1908/1980), o poema sabe mais que quem o escreveu.

Aguardamos que os recuperandos enviassem suas respostas para a equipe; porém, isso não aconteceu imediatamente. Então, foi realizado um segundo vídeo, para o qual também não houve respostas, e um terceiro pequeno vídeo no qual nos despedimos das atividades ao final do período letivo e anunciamos a retomada no ano seguinte (Magalhães, Pereira, Villefort, Miranda Júnior e Moreira, 2022).

Em março de 2021, com a retomada das atividades de extensão, recebemos 72 cartas enviadas como respostas ao vídeo do poema “José”, com estilos de escrita muito diversos. Elas representavam quase 40% dos recuperandos, que perfaziam, à época, cerca de 185 pessoas.

A leitura desse material serviu para a continuidade das ações enquanto durou a pandemia, mas não vamos detalhar esse período porque não é o foco deste texto.

As 72 cartas permaneceram como material disponível para pesquisa, pois, como respostas a material provocativo originado de uma demanda deles, pode auxiliar a compreender melhor o processo de subjetivação dos sujeitos, quer dizer, a construção singular de significados em situações contextuais. O objetivo da pesquisa realizada foi compreender os discursos que perpassam a experiência de vida na Apac e que influenciam, moldam e direcionam a experiência de cada sujeito que é obrigado a estar lá. O sujeito, porém, não se reduz às determinações discursivas instituídas e, portanto, outro objetivo era verificar como eles respondem a esses discursos. Esse é o significado de subjetivar a experiência, ou seja, significa estar assujeitado ao discurso e, como sujeito, responder a ele, em um movimento dialético.

Dessa forma, esta pesquisa contribui para a ampliação da compreensão dos processos de subjetivação da população carcerária no sistema alternativo de cumprimento de pena privativa de liberdade; por consequência, favorece a reflexão e o planejamento de ações institucionais da Apac ao indicar os pontos em que a subjetivação da experiência institucional pelos sujeitos envolvidos se aproxima e se distancia dos ideais e objetivos de humanização e reintegração que a instituição propõe. Além disso, pode auxiliar os projetos de extensão e os estágios que intervêm na realidade daquela experiência, favorecendo o planejamento das ações. Ademais, a pesquisa se insere no debate mais amplo a respeito do sistema penal carcerário brasileiro e as alternativas ao modelo tradicional.

Metodologia

Primeiramente, é preciso registrar que entendemos como subjetivação dois processos que Foucault procurou abordar em suas análises (Dreyfus; Rabinow, 1995). O primeiro está relacionado aos modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos, ou seja, práticas que permitem ao ser humano se objetivar, se compreender como sujeito em relação aos outros no contexto da linguagem, às nomeações que recebe relativas à sua genealogia social e às relações de poder. O segundo é entendido como a maneira pela qual, na relação consigo mesmo, é possível constituir-se e compreender-se como sujeito de sua própria existência.

Esse segundo processo pode ser aproximado da maneira como a psicanálise entende a subjetivação, quer dizer, como uma forma de o sujeito articular e dar destino às questões da pulsão e do desejo que compõem as relações de cada um com o Outro. Ao sujeito é exigido que subjetive o ímpeto das forças pulsionais a fim de estabelecer a possibilidade do laço social. Porém, o campo social é “marcado pelo *intervalo* entre as exigências pulsionais e as formas constituídas de subjetivação [...] já que o mundo instituído de objetos de satisfação e de representações fica sempre aquém das exigências pulsionais” (Birman, 1997, p. 37-38).

Inspirando-nos em Morais (2006), é possível propor que as cartas e os bilhetes dos recuperandos podem auxiliar a compreender como o campo social, com suas variadas dimensões, possibilita e produz a objetivação do sujeito, como cada sujeito apreende a si mesmo no *intervalo* entre as exigências pulsionais e os objetos instituídos nesse mesmo campo social e como responde a isso.

A metodologia de trabalho sobre o material coletado foi a análise de conteúdo indicada por Bardin (2011). Este método se caracteriza como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens” (Bardin, 2011, p. 38). A autora indica três momentos para a análise de conteúdos: a análise prévia, a exploração do material e o tratamento dos resultados, que implica a inferência e a interpretação.

Na pesquisa em tela, o conjunto de cartas e bilhetes foi considerado representativo do público e do contexto; nesse mesmo sentido, homogêneos e pertinentes, pois esses registros foram feitos pelos recuperandos a partir de uma provocação. Isso satisfaz as três primeiras regras para compor o *corpus* inicial do material indicadas por Bardin (2011). As cartas e os bilhetes foram, então, transformados em arquivos digitais, eliminando nesses arquivos qualquer identificação que houvesse nas cartas originais.

Em seguida, foi feita a exploração do material, que considerou as condições de sua produção para determinar os índices que organizaram o trabalho. Bardin (2011) afirma que, nesta fase, cabe ao pesquisador fazer a administração criteriosa do que foi estabelecido, ou seja, seguir as hipóteses, objetivos e indicadores para categorizar, filtrar e enumerar os materiais. Os temas que surgem compõem as unidades de registro, pois servem para estudar “motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc.” (Bardin, 2011, p. 135).

Assim, após leituras e releituras do material, elaboramos um quadro inicial de análise individual das cartas com temas e subtemas que agrupavam os diversos escritos dos recuperandos. Cada membro da equipe, composta por três pessoas, analisou um número de cartas, preenchendo o quadro mencionado para cada carta. A seguir, as análises foram trocadas entre os pesquisadores, ou seja, cada pesquisador verificou as análises iniciais de um parceiro pesquisador, comparando as análises com as respectivas cartas, podendo propor inclusão, modificação ou exclusão de algum item. Esta segunda etapa visou estabelecer análises mais criteriosas das cartas, pois implicou a análise feita por um dos pesquisadores e a reanálise por outro.

Na fase seguinte, construiu-se um novo quadro, desta vez enfatizando as principais categorias que compuseram as análises das cartas individualmente. Estas unidades auxiliaram na codificação dos dados brutos encontrados, que foram agregados de forma a alcançar a representação do conteúdo. A codificação consistiu na articulação das unidades de registro, como palavras (consideradas palavras-chave ou palavras-temas), e dos temas, expressões, referências, acontecimentos e outros.

A quarta fase foi a análise dos dados a partir destes últimos quadros. As unidades de registro foram, então, analisadas em termos de frequência, presença ou ausência na relação com outras e associação de elementos.

O intuito foi, como já indicado, formar uma representação da maneira como os recuperandos escrevem sobre sua experiência a partir da provocação do material audiovisual disparador e compreender os processos de subjetivação envolvidos. Esta análise foi articulada com uma leitura a partir da teoria psicanalítica.

A pesquisa foi registrada no Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas sob o número CAAE 63283722.5.0000.5137 e obteve aprovação para execução com o parecer número 5.827.897.

Análise das cartas

Em cada tema e categoria, destacaremos somente as mais relevantes. Alguns trechos das cartas foram utilizados como exemplo e optamos por manter a escrita como a encontramos nas cartas dos recuperandos, sem corrigir os erros relacionados ao uso da língua portuguesa.

1 - As personagens na cena

A cena do vídeo mostra uma pessoa com roupas sujas e rasgadas declamando o poema “José” para a estátua de Carlos Drummond de Andrade na praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Os recuperandos fizeram muitas referências aos dois personagens na cena, aquele que declama o poema (identificado pelos recuperandos como um tipo de andarilho ou morador de rua) e a estátua do poeta. Havia também a referência ao “José” como um terceiro a quem se falava. Entendemos que essas referências aos personagens, feitas por quase todos os recuperandos (90,3%, 65 cartas), indicam a posição do sujeito na cena visualizada por um processo de identificação.

Na maioria das referências (44,6%, 29 cartas), os recuperandos se identificavam com o “José”, dando ênfase às perdas materiais e imateriais (48,3%, 14 cartas) e à solidão (34,5%, 10 cartas) que uma possível interpretação do poema poderia indicar. Estamos considerando perdas imateriais como aquelas relativas, por exemplo, à impossibilidade atual de convivência com amigos, relacionamentos amorosos, familiares, a frequência a festas e viagens.

Dois exemplos nas cartas:

“No meu entendimento o José somos cada um de nós que nos enganamos com os caprichos deste mundo e nos esquecemos do que realmente importa que é Deus em primeiro lugar”.

“[...] ficou sozinho na escuridão da madrugada, sem ter com quem conversar, na companhia apenas de seus pensamentos. Infelizmente, agora está só”.

É interessante também indicar que vários recuperandos (15,4%, 10 cartas) se identificaram com a posição da estátua, que ouvia, silenciosa e incapaz de ação, alguém que falava a ela sobre as perdas e a solidão. A frase de um dos recuperandos serve de exemplo: “Estamos igual aquela estátua mostrada no vídeo, parada no tempo, mas o tempo não está parado, tudo está girando ao nosso redor, o que adianta ter dinheiro não poderá usufruir, ter uma boa casa e não poderá morar”.

Algumas vezes (9,2%), o José referido no poema foi localizado pelos recuperandos no andarilho, como se as perguntas declamadas fossem feitas para ele mesmo, de forma reflexiva, o que é uma das interpretações possíveis da cena.

2 - O estado subjetivo atual

Muitos recuperandos (81,9%, 59 cartas) reagiram ao vídeo indicando emoções, sentimentos e afetos. Entre eles, mais da metade (52,5%, 31 cartas) mencionou a experiência da solidão, indicando-a como consequência de ações ou omissões que levaram à prisão (32,5%, 10 cartas) ou por se sentirem abandonados (29%, 9 cartas), como afirma um recuperando: “Por causa das escolhas que fazemos acabamos ficando sozinhos e sem ter pra onde ir e a quem recorrer”.

Em relação à solidão, quase não houve coincidências entre aqueles que a destacaram na identificação a um dos personagens (item 1) e aqueles que a destacaram como vivência subjetiva atual, o que reforça a relevância do tema.

É fato social e cultural conhecido que na situação de encarceramento os vínculos sociais e afetivos sofrem forte interferência, pois a convivência com as pessoas afetivamente importantes não é mais possível, exceto em dias de visita e de forma controlada. Ademais, muitos recuperandos não recebem visitas ou as recebem de forma irregular. A possibilidade de um telefonema ou videochamada, permitida pela Apac uma vez por semana, é importante para os recuperandos, mas parece não ser suficiente para amenizar esse estado subjetivo. Além disso, não é comum o estabelecimento de vínculos afetivos ou de confiança entre os recuperandos, como verificado em todo o tempo de atendimento psicológico no qual atua a equipe de Psicologia no projeto de extensão (Miranda Júnior; Pereira; Villefort, 2022).

Algumas cartas (27,1%, 16 cartas) deixaram registrados outros afetos e sentimentos. Destacamos as sensações de desorientação (7 cartas) e de sentir-se desiludido (6 cartas).

“[...] as pessoas se tranca em suas dores, em seus medos e ficam sozinhas, abandonadas sem ninguém, desiludidos e decepcionados com que deveria estar a seu lado”.

Importante destacar também que 39% deles (23 cartas) registraram a incapacidade de agir, intervir ou modificar situações que os preocupam ou afetam fora do ambiente carcerário, principalmente situações no âmbito familiar. Aqui está presente de forma incisiva o problema da ampla limitação de ação individual imposta pelo sistema prisional que, em termos legais, é legítima, mas, para cada um, angustiante.

3 - A situação atual e as saídas possíveis

Em contiguidade à questão do estado subjetivo atual, muitos recuperandos procuraram registrar palavras e expressões que indicam uma forma de elaboração a respeito da situação atual. Se pudemos verificar na categoria anterior o registro da situação vivencial dos recuperandos, na presente categoria temos um tipo de elaboração subjetiva sobre esta situação.

3.1 - As mudanças vividas

Muitos recuperandos (81,9%, 59 cartas) escreveram sobre a mudança que experimentaram ou ainda experimentam como consequência do encarceramento, marcando um antes e um depois do crime ou da prisão. Destes, 56% (33 cartas) vincularam as perdas materiais e imateriais vividas à consequência de estar em um “lugar ruim”, sofrer ou, em uma expressão interessante, “ser considerado morto”. Alguns utilizaram expressões retiradas do poema de referência, como “luzes se apagaram” e “festa acabou”. Como já referido antes, entre estes também se destacam a perda dos relacionamentos pessoais e a consequente solidão (51,5%, 17 cartas).

Outros (47,5%, 28 cartas) registraram uma crítica a si mesmos, indicando a importância das escolhas que são feitas e a responsabilidade que as acompanha, enfatizando bastante a consequência delas, adjetivada por muitos como “ruim” (13 cartas).

“José, tudo pode ser tirado de um homem, menos uma coisa, de escolher sua atitude [...] a escolha de seu caminho”.

Nesse grupo, houve quem procurasse marcar um lado positivo da situação atual, indicando, por exemplo, que, em função dos acontecimentos, haveria um tipo de renovação pessoal ou de busca de novas respostas (7 cartas).

Há um grupo que está contido em dois dos grupos acima: são aqueles que enfatizaram as perdas e, além disso, realizaram algum tipo de crítica sobre si mesmos (28,8%, 17 cartas). Destes, mais da metade (11 cartas) indicou a solidão na categoria das consequências derivadas das suas ações. Essa correlação entre categorias mostra que, para quase 20% dos recuperandos que escreveram reflexivamente uma forma de crítica a si, as perdas se sobressaem, entre as quais, aquelas que têm como consequência a solidão. Um exemplo: “E agora José, o bagulho lombrou, você rodou, a cadeia tomou, advogado abandonou, amigos não lembra mais [...] Você ficou na pedra, e agora José?”.

Até este ponto, podemos dizer que permanecem em evidência a questão das perdas vividas e a dificuldade de manter relacionamentos próximos, ou seja, a solidão.

3.2 - Saídas possíveis

Quase 70% dos recuperandos (50 cartas) escreveram sobre possíveis saídas à situação de encarceramento e suas consequências.

Duas principais categorias surgiram neste tema. A primeira foi a necessidade de novas atitudes (48%, 24 cartas), sobressaindo entre estas as de buscar novos rumos (54,2%, 13 cartas) e fazer escolhas certas (45,8%, 11 cartas), como no excerto abaixo:

“E agora... você é só um pensamento. E agora a chave está com você, pra onde você vai mar-cha? Será que você vai voltar pelo mesmo caminho? A chave está com você e existe várias portas e a escolha é sua”.

A segunda refere-se ao auxílio ou proteção divinos (50%, 25 cartas), sobretudo no aspecto de dedicar confiança a Deus (52%, 13 cartas) e de que haverá salvação (32%, 8 cartas).

“Na ora que a luz apaga, na ora que o povo some, nessa ora só deus está com nós”.

“Entrega seus caminhos ao Senhor e o mais Ele fará”.

“[...] aquele que persevera até o fim será salvo”.

Dois aspectos se destacam neste item. O primeiro é que quase não há coincidência entre as cartas que enfatizavam novas atitudes e aquelas que se referiam a Deus, ou seja, os recuperandos que enfatizaram novas atitudes foram, na quase totalidade, distintos daqueles que se referiram ao auxílio ou intervenção divinos. O segundo aspecto é a presença marcante do discurso religioso entre os recuperandos.

Sobre o primeiro aspecto, a distinção acima pode significar que há uma diferença entre crer ou desejar mudanças de atitude e crer ou desejar o auxílio divino.

É sabido que o método apaqueano tem a religião como elemento fundamental de sua proposta. Rodrigues (2018) realizou pesquisa com grupos de conversação em unidade da Apac em uma cidade de médio porte em Minas Gerais e abordou também a questão da religião, considerando, para seu estudo, os enunciados e as práticas religiosas como campo semântico de um sistema de representações,

orientações e normatividade. Em sua pesquisa, ela constatou como os princípios e as normas derivados do discurso religioso interferem na forma como muitos recuperandos compreendem as saídas possíveis da situação social na qual se encontram.

Nesse sentido, podemos considerar que mesmo entre os recuperandos que mencionaram a importância ou necessidade de novas atitudes como saída para a situação atual e que não se referiram ao auxílio divino, muitos podem estar influenciados pelo aspecto moral tipicamente presente nos enunciados cristãos que orientam a instituição, como, por exemplo, a importância da relação com o outro e da obediência a princípios normativos. Não há como investigar este ponto no material desta pesquisa, mas a proposição merece consideração como possibilidade.

Em relação àqueles que fizeram referência direta ao auxílio, intervenção ou proteção divinas, podemos seguir a elaboração de Rodrigues (2018), que utiliza a referência de Libânio (2002) sobre a questão religiosa. Segundo a autora, a religião pode ser definida como uma dinâmica que organiza, preserva e reproduz um sistema de crenças, tendo como traços fundamentais a tradição, que confere legitimidade, e a comunidade, que se agrupa em torno da crença e promove identidade a partir do pertencimento. Assim, “não há necessidade da dimensão transcendental ou subjetiva para se pertencer a uma religião. O rito, o comportamento simbólico, herdado por tradição e posto em prática no contexto de uma comunidade, é suficiente” (Rodrigues, 2018, p. 68).

Essa dimensão do rito – expresso por meio da rotina imposta aos recuperandos, o que inclui os momentos de oração e reflexão – é importante no método Apac e parece ser por meio dele, mas não somente, que a instituição visa transmitir a mensagem de recuperação do indivíduo. Contudo, conforme Silva Júnior (2013), nos ritos que aconteciam na unidade da Apac na qual ele fez suas observações, era possível perceber, nos momentos de oração, recuperandos que não aderiam ao rito, muitas vezes apenas balbuciando as palavras, outras vezes se entreolhando e rindo. De acordo com Rodrigues (2018), isso talvez se dê pela obrigatoriedade dos ritos e pela falta de pluralismo religioso.

Nesse sentido, podemos entender o número de recuperandos que, entre aqueles que abordam saídas da situação atual, fez referência ao auxílio divino a partir de três perspectivas distintas. A primeira seria o fato de que eles estariam procurando mostrar que se identificam com a proposta apaqueana de mudança subjetiva ou comportamental por meio da crença nos valores relacionados ao cristianismo e à referência a Deus, porém o fazem apenas para responder à demanda institucional. Devemos lembrar que todas as cartas que saem da instituição são monitoradas pelos agentes institucionais e, portanto, sofrem interferência desse controle. Assim, os recuperandos que decidiram escrever as cartas o fizeram sabendo do controle institucional exercido sobre elas e, por isso, muitos não somente podem ter deixado de registrar algumas ideias ou questões, quanto, provavelmente, podem ter visado mostrar sua concordância com as ideias institucionais, entre elas as de cunho religioso, para alcançar reconhecimento ou pertencimento.

A segunda perspectiva seria a possibilidade de que realmente compartilhem desses valores, por formação anterior ou por influência da instituição, e queiram expressá-los. Se considerarmos as pesquisas citadas acima, é provável que entre os recuperandos que se referem ao auxílio divino haja aqueles que expressem tanto um posicionamento quanto o outro.

Contudo, vamos adicionar uma terceira perspectiva pela qual pode ser compreendida a referência ao auxílio ou intervenção divinos. Trata-se da questão do desamparo como situação subjetiva à qual as pessoas encarceradas estão sujeitas.

Segundo Freud (1950/1980), a condição humana no nascimento é a total dependência do outro

que cuida e ampara. A falta ou a possibilidade de falta desse outro indica ao bebê seu desamparo fundamental, o qual é fonte de angústia. A criança aceita as restrições parentais e as leis culturais para não perder o amor do Outro e com isso ser lançada ao desamparo. Nesse sentido, para Freud (1930/1980), o desamparo é a fonte da moralidade. As marcas dessas experiências permanecem registradas no sujeito e se atualizam como angústia nas situações ou experiências em que fica evidente a ausência de possíveis garantias – de acolhimento, realização, reconhecimento, satisfação –, como se isso indicasse a falta de lugar no desejo do Outro ou a perda de seu amor. Para evitar o desamparo, o sujeito se submete ao Outro, mesmo que para isso precise negar seu próprio desejo.

Por este caminho, é possível compreender a referência a Deus como uma forma de buscar amparo numa situação em que o desamparo é ameaça quase permanente em função das dificuldades em lidar com a família (ou a ausência dela), da perda dos laços de amizade, dos empecilhos para construir esses laços entre os próprios recuperandos, da dificuldade em retornar para o convívio social devido aos preconceitos e da falta de recursos econômicos quando da saída da prisão. Muitas vezes, resta apenas sustentar-se no amparo divino. Nas palavras de um recuperando: “Deus não entra em nenhuma guerra para perder, Jesus Cristo morreu foi pela minha vida e pelos meus problemas. Então, eu confio nele todos os dias”.

Há também uma leitura importante em relação aos dois grupos citados acima – o da necessidade de mudança de atitude e o da expectativa do auxílio divino –, ambos incluídos no tema das saídas possíveis da situação atual. Eles podem ser pensados em relação à questão contemporânea da individualização, entendida como processo de subjetivação presente na instituição e na sociedade de forma geral.

Por individualização, nesse caso, queremos indicar que as duas categorias citadas demonstram que a esperança de mudança em relação ao contexto criminoso que os levou à prisão e à situação de encarceramento se relaciona com expectativa de mudança subjetiva ou de auxílio individual. Não surgiu em nenhuma das cartas algum tipo de crítica ao sistema socioeconômico vigente e suas contradições e restrições. Nada foi indicado a respeito das condições de vida, das condições socioeconômicas e educacionais atuais ou de origem de cada recuperando. Nada foi registrado sob uma perspectiva coletiva ou política. Como também constatado por Rodrigues (2018), as saídas – do crime e do encarceramento – indicadas pelo discurso institucional são tipicamente individuais, como se dependessem apenas “das motivações, dos desejos, das fantasias e das formas de gozo de cada sujeito” (p. 116).

Até em categorias cujo aparecimento nas cartas é menor numericamente, porém interessante, a perspectiva individual é ressaltada, como, por exemplo, nas ideias sobre a importância de valorizar os relacionamentos familiares e de amizade (14%), confiar em si mesmo (14%), manter os objetivos ou o foco (8%).

Isso pode estar relacionado ao individualismo, termo que utilizamos segundo Louis Dumont (1987) e que se liga à valorização moderna do indivíduo, concebido como ser racional e moral, dono do próprio destino, independente e autônomo em relação à sociedade e cujos atributos principais são a liberdade e a igualdade. Os indivíduos e suas posições, ao não parecerem situados ou constrangidos por nenhum princípio externo a si próprios, são considerados em si mesmos. De acordo com Stolcke (2001), para além do indivíduo empírico, o individualismo dota o indivíduo de um valor transcendental e absoluto, minimizando as determinações sociais. Acreditando-se uma mònada pensante que pode (e deve) escolher bem para encontrar a satisfação ideal, o indivíduo surge como suporte de um pesado discurso sobre responsabilidade e felicidade pessoal.

Esse tipo de discurso tem relação direta com o discurso capitalista contemporâneo em sua face de prescrição de adequação e esforço, baseado na ideia do indivíduo que gerencia a si mesmo (Foucault, 2008) e que obtém, a partir disso, recompensas baseadas em seu mérito (Mazza; De Mari, 2021).

4 - O devir / o futuro

Sobre este tema, apenas 50% (36 cartas) o mencionaram, quer dizer, entre os temas que puderam ser derivados da leitura das cartas, este foi o que surgiu em menos cartas. Entre estas, destacaram-se a ideia de “recomeço” (50%, 18 cartas) e a de que o futuro é “o tempo que resta” e que é preciso fazer algo com ele (44,4%, 16 cartas).

“[...] há esperança, porque é melhor o cão vivo do que o leão morto [...]”

“[...] enquanto há vida, há tempo de mudança e recomeço [...]”

É interessante verificar também que houve mais recuperandos que trataram do que deve ser feito para sair da situação atual do que aqueles que indicaram algo sobre o futuro. O componente religioso também se faz importante neste item.

“[...] não podemos jamais perder as esperanças, Jesus é com todos nós e sempre há uma saída”.

Em relação às expressões da experiência subjetiva dos recuperandos, o material analisado permite compreender que a dificuldade da experiência do encarceramento, mesmo em uma instituição como a Apac, se relaciona com alguns pontos principais: 1) a sensação de perda (em todos os sentidos: dos bens materiais, da liberdade, da relação com os amigos e familiares, das oportunidades de desfrutar experiências cotidianas, como convivência com outras pessoas em atividades laborais, festas e outras); 2) a sensação de desamparo e impotência, acentuado pela impossibilidade de atuar para modificar as situações concretas vividas pela família ou por amigos e pela dificuldade de relacionamento confiável dentro da instituição; 3) e a incerteza quanto ao futuro, derivada das perdas, da impotência atual e também das dificuldades provavelmente a serem enfrentadas em função do tempo de encarceramento e da imagem associada socialmente ao ex-detento, ainda prevalente.

Podemos acrescentar a esta leitura o achado de Rodrigues (2018), que conseguiu identificar entre os recuperandos três grupos distintos relacionados à postura de cada um no que se refere à instituição e seus ideais, o que pode ser relacionado ao conceito de identificação. O primeiro grupo, segundo ela, seria constituído pelos recuperandos que se esforçam em cumprir o que era proposto cotidianamente, tanto em relação a tarefas quanto em relação à filosofia de vida e à influência religiosa. Rodrigues entende esta postura como uma identificação imaginária com a proposta filosófica e metodológica da Apac.

O segundo grupo seria composto pelos recuperandos que não se identificam com a proposta apaqueana porque, em geral, têm clara para si mesmos a opção pela vida criminosa ou transgressora. Para estes, a Apac é um lugar para cumprir regras e desfrutar de maior conforto para si e para seus familiares. Segundo Rodrigues (2018), este grupo assumia uma postura cínica, repetindo a filosofia e os ideais da Apac de forma vazia, sem ser afetado por eles.

O terceiro grupo seria formado pelos recuperandos que “encarnavam a filosofia apaqueana”

(Rodrigues, 2018 p. 99), expressando isso em posturas rígidas, num esforço para que tudo e todos estivessem seguindo os protocolos de tarefas e atividades. Segundo a autora, algumas vezes ocorriam conflitos entre estes recuperandos e funcionários da própria instituição. Ela afirma também que são menos numerosos e que muitas vezes são indivíduos que se isolam mais, pois seus laços sociais são, em geral, mais frágeis.

A análise das cartas não permite toda a complexidade de observação que Rodrigues pode utilizar em sua pesquisa, mas nos parece que a maior parte dos recuperandos que escreveu estaria inserido no primeiro grupo, ou seja, o daqueles que se esforçam para cumprir o ordenamento institucional e aderir a seus ideais. Porém, é preciso acrescentar que essa identificação aos ideais, seja entre os que se esforçam (primeiro grupo) ou entre os que aderem totalmente (terceiro grupo), não significa que o sujeito assim identificado procurará corresponder aos ideais que essa identificação lhe transmite após a saída da prisão. Muitos fatores podem estar envolvidos na vida pós-encarceramento que favoreçam a decisão de seguir esses ideais ou não. Contudo, é interessante notar como o discurso dos recuperandos sinaliza a possibilidade de esses ideais se tornarem realmente relevantes na orientação do sujeito.

Evidentemente, temos de inserir nesta possibilidade o fato de muitas vezes os recuperandos encenarem a adesão ao discurso dos ideais institucionais porque ele tem valor interno na instituição e todos eles estão sendo avaliados todo o tempo. Nesse sentido, seguindo as indicações relativas aos três grupos acima mencionados, provavelmente algumas das cartas pertençam a este tipo de posicionamento subjetivo. Ademais, como já citado anteriormente, os recuperandos que decidiram escrever as cartas o fizeram sabendo do controle exercido sobre elas, podendo ter deixado de registrar alguns problemas e angústias ou intencionalmente mostrando sua concordância com os ideais institucionais.

Considerações finais

Para finalizar, retomemos, então, os três temas fundamentais que formam núcleos discursivos nas cartas dos recuperandos a fim de articular com a experiência subjetiva da vida encarcerada em um modelo alternativo: as perdas vividas; o desamparo e a impotência; a questão da incerteza sobre o futuro.

Por um lado, é importante reconhecer que a metodologia Apac pode permitir uma vivência diferente em relação a estas experiências subjetivas porque se orienta por alguns pontos importantes no que diz respeito à dignidade e à reintegração social. Um deles é a proximidade com a família dos recuperandos, incentivada pela metodologia Apac por meio do estímulo ao contato regular em visitas e chamadas telefônicas ou de vídeo. Outro ponto importante está relacionado aos diversos convênios que a Apac mantém com instituições que promovem cursos diversos e assistência variada, o que pode facilitar a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e nos laços sociais. Ademais, a instituição procura transmitir ideais de convivência social por meio de regras internas e do discurso e das práticas religiosas. Entendemos que todos estes pontos, que ainda podem ser acrescidos de outros, podem auxiliar os recuperandos a lidarem com as experiências subjetivas relacionadas, sobretudo, ao desamparo e à incerteza quanto ao futuro.

Por outro lado, estes pontos não são suficientes para lidar com o complexo de experiências ligadas à vivência no tempo de encarceramento. Podemos tomar como exemplo as experiências subjetivas que encontramos e reunimos em torno das perdas que muitos recuperandos fazem questão de registrar. A renúncia forçada a prazeres e satisfações, sejam eles grandes ou pequenos, coloca o

sujeito numa situação específica relacionada à tristeza e ao sentimento de impotência que se liga ao peso subjetivo da restrição de atividades e experiências. A população carcerária, em sua quase totalidade, é composta por pessoas que já experimentaram ou ainda experimentam a impossibilidade de satisfação de seus anseios durante a vida pré-carcerária. Isso está relacionado às típicas condições socioeconômicas da classe mais desfavorecida no cenário brasileiro e que compõe a quase totalidade dos indivíduos encarcerados. Portanto, a extrema renúncia que o sistema prisional exige – de forma legítima, do ponto de vista jurídico-social atual – é acrescentada às renúncias já experimentadas em vidas empobrecidas pela brutal desigualdade social brasileira e as incrementa. Provavelmente, para essas pessoas, o mínimo que alcançam de satisfação pessoal já pode produzir diferenças significativas em sua vida.

Abordando especificamente o ponto de vista subjetivo individual, e lembrando mais uma vez Freud (1930/1980), a renúncia pulsional é fundamental na constituição das relações sociais e ela acontece pela entrada do sujeito no mundo simbólico por meio da ação daquele que o cuidou e amou. A principal renúncia, que organiza as relações sociais segundo Freud, é o recalque do desejo e das fantasias relacionadas à sexualidade infantil, o que abre possibilidades de encontro de satisfações substitutivas, sempre parciais, mas possíveis. É a marca da castração simbólica, do limite. O sujeito, no sistema carcerário, estará confrontado o tempo todo com essa realidade psíquica, efeito de suas ações e de decisões prolatadas pelo sistema judiciário que implicam uma renúncia muito maior que a exigida comumente para a vida em sociedade.

Essa renúncia, determinada legalmente por um longo tempo, medido segundo a dosimetria nos parâmetros das doutrinas jurídicas, pode levar o sujeito à perda das esperanças de realização de seus desejos mais singelos. De certo modo, o que pode servir de suporte para essa dolorosa experiência é a manutenção dos laços sociais. Contudo, como já constatado, apesar da importância que têm, os laços com familiares e amigos tendem a diminuir e o sujeito, preso entre muros concretos e vigiado em todos os momentos, pode aproximar-se da experiência do desamparo fundamental que nos marca de forma imanente.

Nesse aspecto, a impossibilidade ou a grande dificuldade de laços estreitos com os colegas de prisão, em função da dificuldade de construir laços de confiança, é outro ponto específico da vida carcerária que pode levar à experiência do desamparo. A questão da identificação com os personagens da cena (item 1) indica como é pequena a referência à mudança ou ao futuro, pesando muito mais as referências à solidão e às perdas.

Como já dito, a experiência do desamparo é parte da experiência humana que nos faz aceitar limites e interdições. Porém, o que se torna muitas vezes insuportável acontece quando o desamparo parece insolúvel. Como afirmam Santos e Fortes (2011), na condição fundamental do desamparo, todos lutam para encontrar saídas frente às situações e acontecimentos que independem da vontade e que ocorrem no curso da vida. Assim, “assumir essa luta é o desafio de todos nós, seres humanos, que, juntamente com a tarefa da existência, recebemos também a responsabilidade de lhe dar um sentido” (Santos e Fortes, 2011, p. 764).

Por tudo isso, entendemos que o esforço das instituições apaqueanas em criar possibilidades da manutenção de laços sociais e possibilidades de aprendizagem que favoreçam a reintegração de cada um após a saída do sistema prisional é um ponto muito importante a ser reconhecido e incentivado, inclusive por políticas públicas. Resta a crítica que deve ser feita à perspectiva individual e moralizante sobre criminalidade que desconsidera os fatores coletivos (sociais e econômicos) que também

produzem a população carcerária. É compreensível a opção institucional por esta perspectiva, porém a crítica deve ser registrada.

Pelos mesmos motivos, entendemos que a participação de psicólogos e psicólogas nas instituições do sistema prisional é também muito importante. Não somente para garantir alguns direitos fundamentais, aos quais os profissionais da Psicologia devem estar atentos, mas também para permitir que os sujeitos que ali vivem temporariamente possam elaborar, individualmente ou em grupo, suas dores e suas expectativas.

A vida privada de liberdade ainda é parte da história que construímos coletivamente no intuito de, idealmente, responsabilizar os indivíduos pelos atos transgressores que cometeram ferindo o direito de outros. Contudo, sabemos também que, historicamente, a prisão serviu e serve para afastar da sociedade aqueles considerados perigosos ou indesejáveis (Foucault, 1987). Por isso, por um lado não devemos abandonar a luta pelo respeito à dignidade humana no cumprimento das penas privativas de liberdade e, por outro, também não podemos abandonar o ideal de uma sociedade que não precise mais de prisões.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BIRMAN, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- DUMONT, Louis. **Ensayos sobre el individualismo**: una perspectiva antropológica sobre la ideología moderna. Madrid: Alianza Editorial, 1987.
- FRATERNIDADE BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA AOS CONDENADOS (FBAC). **O que é APAC?** Itaúna, 2019. Disponível em: <http://www.fbac.org.br/index.php/pt/realidade-atual/o-que-e-apac>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Textos Pré-psicanalíticos. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. I, p. 385-456. (Trabalho original publicado em 1950.)
- FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneio. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Gradiva de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. IX, p. 147-158. (Trabalho original publicado em 1908.)
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI, p. 81-177. (Trabalho original publicado em 1930.)
- LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.
- MAGALHÃES, André Vieira; PEREIRA, Laura Onisto Machado; VILLEFORT, Gabriela Jardim; MIRANDA JÚNIOR, Hélio Cardoso; MOREIRA, Maria Carmen Schettino. A experiência de trabalho da equipe de psicologia com os recuperandos da Apac Santa Luzia em tempos de distanciamento social. **Conekte-se. Revista Interdisciplinar de Extensão**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 198-208, 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/conekte-se/article/view/27471> Acesso em: 15 mar. 2023.
- MATOS, Sílvio. **E agora José?** Produção: Sílvio Matos, 2016. Vídeo no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ntZXjIfih0>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- MAZZA, Moisés Giordano; DE MARI, Cezar Luiz. Meritocracia: origens do termo e desdobramentos no sistema educacional do Reino Unido. **Pro-posições**, Campinas, v. 32, p. 1-22, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/RgrxhFhvFqnLwSGcdZ3VMky/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2022.
- MIRANDA JÚNIOR, Hélio Cardoso; PEREIRA, Anne Campos; VILLEFORT, Gabriela Jardim. A escuta do sujeito no sistema prisional: uma experiência da articulação entre a psicologia e a metodologia APAC. In: PENIDO, Flávia Ávila; SILVA, Jéssica Gonçalves (Orgs.). **Perspectivas. Estudo Interdisciplinar Sobre o Sistema Prisional**, Belo Horizonte, v. 1, p. 165-187, 2022.

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DA VIDA EM PRISÃO NAS CARTAS DOS RECUPERANDOS DA APAC

MORAIS, Maria Beatriz Lima. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. **Estudos de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 45-56, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n29/n29a08.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

OTTOBONI, Mario. **Vamos matar o criminoso? Método APAC**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PROEX - PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO PUC MINAS. **Programa (A)penas Humanas: ações interdisciplinares no âmbito da APAC**. 2021. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/proex/index-link.php?arquivo=projeto&nucleo=0&codigo=405&pagina=4896>. Acesso em: 15 mar. 2023.

PROEX - PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO PUC MINAS. **Programa Apac PUC Minas**. 2024. Disponível em: <https://proex.pucminas.br/2023/03/20/programa-apac-puc-minas/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

RAUTER, Cristina. O trabalho do psicólogo em prisões. In: FRANÇA, Fátima; PACHECO, Pedro; OLIVEIRA, Rodrigo Torres. **O trabalho da(o) psicóloga(o) no sistema prisional**: problematizações, ética e orientações. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. p. 43-53.

RODRIGUES, Bianca Ferreira. **Circulação do discurso em uma instituição apaqueana**: um estudo crítico na perspectiva psicanalítica. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2018. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Bianca%20Ferreira%20Rodrigues.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

RODRIGUES, Janilce. Educação e teatro na cadeia: práticas pedagógicas realizadas no Sistema Penitenciário da Papuda/DF. **Urdimento**, Florianópolis, v. 3, n. 39, p. 1-18, nov./dez.2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18884/12591>. Acesso em: 10 ago. 2022.

SANTOS, Natália de Toni Guimarães dos; FORTES, Isabel. Desamparo e alteridade: o sujeito e a dupla face do outro. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n. 4, p. 747-770, out. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/DvcJqMdfwJWQVrnsTNJDwGx/?format=pdf&lang=p>. Acesso em: 17 out. 2023.

SILVA JÚNIOR, Antônio Carlos da Rosa. Ressocialização de presos a partir da religião: conversão moral e pluralismo na Associação de Proteção e Assistência aos Condenados (APAC). **Plura: Revista de Estudos de Religião**, v. 4, n. 2, p. 71-98, 2013. Disponível em: https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/download/725/pdf_78/2785. Acesso em: 24 set. 2023.

STOLCKE, Verena. Gloria o maldición del individualismo moderno según Louis Dumont. **Revista de Antropología**, São PauloBel, v. 44, n. 2, p. 7-37, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/Lrq8RbYzbS-phmKf7c9FDtmH/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 17 out. 2023.